



DIA DA MULHER GAL DO BECO, CARLA LIS E CLÁUDIA CUNHA, COM CONVIDADAS COMO MÁRCIA CASTRO (FOTO), CANTAM NO PELOURINHO 3

LIVRO OBRA DE JACQUES LE GOFF LISTA MULHERES DE DESTAQUE NA IDADE MÉDIA 6

Virginia de Medeiros / Divulgação

DIA DA MULHER Seja para o amado, o companheiro de luta política, o amigo ou mesmo a qualquer um, algumas mulheres expressam sentimentos e escrevem não apenas para a história, como também eternizam sua imagem

Não posso deixar de escrever...

Henry, pensei que minha razão de ser fosse minha mente. Pensei que fosse fácil (ao menos para mim) ser exaltado, viver na linha da vida e da morte como June faz, entregar-se até a morte... Fernando, Estou lendo o livro de Guimarães Rosa e não posso deixar de escrever a você. Nunca vi coisa assim! É a coisa mais linda dos últimos tempos. Há tanto tempo não conversamos. Nossa última conversa foi tão linda. Você arrumava seu jardim para receber a primavera. Aqui, estamos no inverno... Aos 71 anos, vivendo a hora do balanço de uma existência que é um sulco bem traçado e profundo, já não mais preciso, e nem devo, correr atrás de possíveis enganos. Vivo o momento em que as sombras já esclarecem... Companheiros! Este documento vai com o meu apoio absoluto aos camaradas revolucionários pela posição que tomaram frente à burocracia internacional...



Clarice Lispector: amizade e letras



Patrícia Galvão, a Pagu: política



Anaís Nin: carta a seu amor



Olga Benário: despedida



Virginia Woolf: atormentada



Danielle Mitterrand: traição

GISELE RAMOS

Escrever uma carta é homenagear alguém por meio da palavra. E, em tempos de homenagem ao Dia da Mulher, eis aqui alguns sentimentos de importantes mulheres na história e que, por motivos diversos, se tornaram públicos através de cartas com os mais variados temas. Anaís-Nin, Bluma Wainer, Danielle Mitterrand, Olga Benário, Patrícia Galvão e Virginia Woolf fazem ecoar suas vozes em forma de palavras. Mulheres que, com histórias de vida diferentes, dedicaram suas escritas para alguém. Hoje, são ícones e, ao mesmo tempo, representam a mulher contemporânea em várias facetas. Mulheres intensas que transcreveram suas verdades mais íntimas.

Escrever uma carta é escrever para si mesmo. É como conversar sozinho. Sobre as cartas de Clarice Lispector e Virginia Woolf, a escritora Adelice Souza logo se lembra de uma grande amiga com quem, por muito tempo, trocou cartas. Cada carta representava uma alegria enorme para ambas.

Ela conta de outra amiga que, morando em Portugal, quando chegava o inverno, suas cartas aqueciam a vida dela. "Receber minhas cartas eram os poucos instantes de calor que ela tinha". Este sentimento de amizade também está presente na carta enviada a Clarice Lispector pela jornalista e amiga Bluma Wainer: "Clarice, há tanto tempo não conversamos. Nossa última conversa foi tão linda. Você arrumava seu jardim para receber a primavera. Aqui é inverno".

Para Adelice, ler e escrever são atos solitários, e a carta tem esse caráter íntimo. E quando se é artista, as cartas mostram como a arte ocupa a vida dessa pessoa. Na carta ao marido, antes de morrer, Virginia Woolf deixa claro que não foi por falta de amor sua atitude: "Não posso continuar a estragar a tua vida. Não creio que duas pessoas pudessem ter sido mais felizes do que nós fomos". E Clarice Lispector, por meio de palavras simples, quase displicentes, expõe sentimentos complexos da sua percepção da obra de Guimarães Rosa para Fernando Sabino: "Nunca vi coisa assim". Cartas quando nas mãos de um escritor, ganham um teor literário e, no caso de Clarice, poético. "Fico até aflita de tanto gostar". Para essas mulheres, a arte é libertadora e a literatura tem o poder da salvação, ainda quem, em Virginia Woolf, tenha sido até onde pode, até seu suicídio. Para Adelice Souza, "escrever uma carta é estar falando para si pensando estar falando para o outro".

Militância e afetos

A escritora Anaís Nin escreve a seu amado e expressa seus sentimentos mais secretos e faz com que suas cartas confundam-se com diários. Anaís também escreve a um leitor que reclama o excesso de detalhes em seus textos.

"Sexo perde todo o seu poder e magia quando se torna explícito, mecânico, exagerado, quando se torna uma obsessão mecanicista. Ele se torna um tédio". Com o uso de palavras quase que sensoriais, a escritora explica ao leitor os motivos de sua escrita. "Intelecto, imaginação, romance, emoção: isto é o que dá ao sexo as suas texturas surpreendentes, suas transformações sutis, elementos afrodisíacos. Você está diminuindo seu mundo de sensações".

A militância política também está presente em cartas. Liliane Oliveira, ativista da Marcha Mundial das Mulheres na Bahia, a partir da carta-manifesto de Pagu, afirma que as mulheres sempre estiveram presentes e à frente de processos de transformação da sociedade. Na carta aos companheiros, ela mostra sua indignação sobre a burocratização do Estado. "Nem todas as mulheres puderam escrever cartas tão veementes sobre sua opinião política e outras nunca tiveram seus nomes nem mencionados em livros ou tratados", conta Liliane. E, assim, essas cartas mostram que a luta perpetua em cada mulher.

Olga Benário, em carta enviada à família, se despede em tom de leveza, tentando deixar todo o seu alento através das palavras: "Queridos, amanhã vou precisar de toda a minha força e de toda a minha vontade (...) E por isso me despeço de vocês agora". Apesar de toda luta política do momento, na carta, ainda há espaço para delicadezas: "É totalmente impossível para mim imaginar, filha querida, que não voltarei a ver-te. Quisera poder pentear-te, fazer-te as tranças". E quando há um desabafo, o peso das palavras parece carregar todo o tempo passado, como na carta de Danielle Mitterrand sobre o seu marido e a amante: "Vivi com François 51 anos; estive com ele em muito desse tempo e me coloquei sempre. Há mulheres que não se colocam, embora estejam; que não se situam, embora componham o cenário da situação presumível".

Essas cartas são sentimentos expressados com palavras e que se tornaram públicos. Tantas mulheres que se entregaram de tal maneira, expondo seus silêncios ou seu desejo de gritar para outros. Escrever uma carta é homenagear alguém. É escrever para outro, mas, antes, é escrever para si mesmo. E, quando lida, ganha novos leitores e novos destinatários.